



Numa cidade
dividida pelo ódio,
em quem podemos
confiar?

O JURADO

N.º 3

N.º 1 EM TODO O MUNDO

JAMES PATTERSON

TOP
SEL
LER

MAIS DE 380 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

e NANCY ALLEN

Para o Randy, o Ben e a Martha

PRÓLOGO

UM

Equilibrando na mão um tabuleiro carregado de copos sujos, Darrien Summers ziguezagueou pelo meio dos homens e mulheres de máscara e trajados a rigor consoante abria caminho pela sala de jantar. O baile de máscaras anual do Mardi Gras¹ no clube de campo do condado de Williams, no Mississippi, estava no seu apogeu, com a pista de dança tão apinhada que muitos convivas se moviam ao ritmo da banda de *jazz* nos estreitos espaços entre as mesas.

Darrien encostou o ombro à porta que dava para a cozinha e abriu-a. Ao fechar, a porta foi embater no seu joelho magoado. Fez um esgar de dor e pousou o tabuleiro numa bancada de metal junto ao lava-louça. Coxeou até uma cadeira e sentou-se, usando as duas mãos para massajar o joelho.

Um empregado de cabelo grisalho, encostado à porta dos fundos a soprar o fumo do cigarro para o exterior, perguntou-lhe:

— Essa lesão do futebol ainda te incomoda?

— Às vezes, e muito — respondeu Darrien com um sorriso pesaroso.

— Jogaste no Alabama? Ou foi no Arkansas?

— No Arkansas — disse Darrien. — No Estado — acrescentou. — Não era suficientemente bom para jogar na Universidade do Arkansas.

¹ Mardi Gras são as celebrações típicas nos EUA que coincidem com a terça-feira antes da Quarta-feira de Cinzas, ou seja, a Terça-feira Gorda, semelhante ao nosso Carnaval. [N. T.]

O ardor que sentia no joelho era uma dolorosa reminiscência. Fora um excelente jogador na secundária, talvez não uma estrela ao nível da Ole Miss², da Crimson Tide do Alabama ou da Universidade do Arkansas, mas fora contratado pelo Estado do Arkansas, perto da fronteira com o Mississippi.

— Aposto que o teu pai se orgulhava de ti. Vais regressar no outono? Quando o joelho melhorar?

— Não — disse Darrien, desviando o olhar de modo a desincentivar mais perguntas. Andava a responder àquela pergunta desde que fora posto no banco devido à lesão no joelho, no seu segundo ano. Para poder concluir o curso precisava de permanecer na equipa, mas pouco tempo depois fora apanhado com um charro numa festa do *campus*, e tinham-lhe revogado a bolsa de estudos; e agora ali estava ele.

O telemóvel zuniu no bolso de Darrien e ele tirou-o do bolso do casaco branco do uniforme. Leu a mensagem, sorriu e murmurou quase inaudivelmente:

— Meeerdaaa.

Bert Owens, o gerente do clube, entrou de rompante na cozinha. Darrien levantou-se da cadeira e o outro empregado atirou o cigarro pela porta dos fundos. Owens aproximou-se, inclinando a cabeça para trás, de maneira a fitar Darrien nos olhos.

— Summers, eu pago-te à hora. Quero-te a trabalhar os 60 minutos e não sentado a brincar com o telemóvel.

Darrien enfiou o telemóvel no bolso do casaco.

— Sr. Owens, posso fazer uma pausa agora? Por favor? Ainda não tive um minuto de descanso.

O gerente apontou um dedo ao peito de Darrien.

— Tens 20 minutos. Depois quero-te a bulir.

Antes de Darrien ter tempo de sair, a porta escancarou-se e um homem de smoking preto entrou na cozinha. Tinha o risco ao lado desenhado com tanta precisão que se conseguia ver

² Nome pelo qual também é conhecida a Universidade do Mississippi. [N. T.]

o branco da pele. O homem encostou-se à ombreira da porta e cruzou os braços à frente do peito.

— Que raios, Owens. Tenho de te seguir até à cozinha para te dar uma palavra.

O gerente rodou sobre os calcanhares, pegou numa toalha e limpou a mão direita antes de a estender.

— Sr. Greene. É um enorme prazer recebê-lo. O que está a achar do nosso bailarico?

Owens tinha um sorriso tão largo que os cantos da boca quase lhe chegavam às orelhas.

Greene apertou a mão de Owens e sacudiu-a por breves instantes.

— Vocês organizaram aqui uma bela festa, não há dúvida. Mas acabei de saber que a banda só vai tocar até à meia-noite. Owens, não pode ser.

Como que de propósito, chegou à cozinha o lamento de um saxofone.

— Sr. Greene, nós celebrámos um contrato com a banda.

— Não me digas. — Greene fixou Owens com os seus olhos azuis. — Pois bem, de contratos percebo eu.

— Sim, senhor. Não é de admirar, pois trabalha no melhor escritório de advogados de Jackson.

— E não percorri todo o caminho desde Jackson para regressar a casa à meia-noite. No baile de máscaras? Nem pense nisso.

Formavam-se gotículas de suor na testa de Owens.

— Sr. Greene, se a banda tocar depois da meia-noite, teremos de lhes pagar mais.

O Sr. Greene brindou-o com um largo sorriso.

— Bem, se é uma questão de dinheiro. — Tirou uma carteira do bolso, dobrou uma série de notas e meteu o dinheiro na mão do gerente. Depois, fechou a porta e saiu, seguido de perto por Owens.

Aproveitando a oportunidade, Darrien escapuliu-se pela porta dos fundos que dava para o pátio e dirigiu-se para a

piscina a passos largos. A piscina estava sem água, e as espreguiçadeiras e as mesas continuariam na arrecadação até ao fim de semana do Memorial Day. Uma dúzia de cabanas formavam um semicírculo ao lado do vestiário das senhoras e a porta da cabana número 6 estava entreaberta.

Jewel Shaw estaria à espera dele no seu interior.

DOIS

Ele sabia que ela só lhe traria chatices. Tinha 28 anos, era sete anos mais velha do que Darrien, e enquanto filha única de um dos fundadores do clube, Jewel Shaw era o fruto proibido. Mesmo em pleno século XXI, as mulheres brancas ricas não se misturavam com os empregados negros do clube de campo. Não em Rosedale, Mississippi, pelo menos.

Mas Jewel era uma rebelde.

Darrien abriu a porta da cabana número 6 e entrou. Estava escuro, mas a experiência dizia a Darrien que havia um interruptor algures na parede. Ao tatear à procura, chocou com uma mesa, felizmente com o joelho bom. Encontrou um candeeiro e acendeu-o.

Viu Jewel, deitada numa *chaise longue* perto da parede mais afastada do exíguo espaço. O seu braço esquerdo pendia e o vestido roxo parecia cheio de manchas.

Hesitou. Talvez fosse melhor virar as costas e voltar para a cozinha. Se Jewel estivesse inconsciente — o que já não seria a primeira vez — ele não estava em condições de lhe valer.

Porém, reconsiderou. Não seria correto deixá-la daquela maneira. Seria melhor ver como estava, certificar-se de que estava bem. Aproximou-se com cuidado na penumbra.

— Jewel? — sussurrou. — O que estás a fazer, fofa?

Quando chegou junto dela, Darrien abafou um gemido.

Havia sangue a escorrer pelas fissuras no tecido do vestido roxo, nos sítios onde a jovem fora esfaqueada no peito, na

barriga e no flanco. Os colares verdes e dourados das festividades que tinha ao pescoço estavam encharcados em sangue, juntamente com os cabelos louros que lhe caíam sobre os ombros.

Ela tinha os olhos abertos e estava a respirar.

Darrien ajoelhou-se no chão ao lado dela e quase nem deu pela dor que lhe percorreu o joelho.

— Oh, meu Deus. — Tomou-lhe o pulso frouxo e, como não sentiu pulsação, encostou o ouvido ao peito dela para ouvir o coração, sentindo o cheiro do sangue de Jewel.

Nada. O peito dela não se mexeu mais. Debruçou-se sobre ela, levantou-lhe a cabeça e disse o seu nome.

— Jewel. — Depois, mais alto — Jewel?

Pousou-lhe a cabeça e fechou os olhos com força, tentando pensar no que fazer. Encostou-lhe as mãos ao peito e tentou reanimá-la, mas não conseguiu. Levou a mão ao bolso para pegar no telefone e, aterrorizado, percebeu que tinha as mãos ensanguentadas e o casaco branco cheio de manchas vermelhas.

Queria pedir socorro, mas as mãos tremiam-lhe tanto que nem sequer conseguiu marcar o código de acesso.

Entretanto, escutou passos no betão à porta da cabana e vozes de homem. Darrien tentou gritar.

— Ei! — mas tudo o que conseguiu foi um grasnado.

Enquanto segurava o telefone, o feixe de uma lanterna entrecortou a penumbra da sala. Darrien deixou cair o telefone e disse:

— Valha-me Deus.

TRÊS

O segurança do clube, um adjunto do xerife do condado de Williams na reserva, fez-lhe uma placagem e deitou-o ao chão. Bert Owens passou a lanterna por Jewel e depois virou-a para a cara de Darrien.

— O que foi que fizeste?

Darrien abanou a cabeça, preso debaixo do adjunto do xerife, e procurou formar as palavras: «Eu tentei ajudá-la.»

— Ponha-o de pé — disse Owens ao adjunto do xerife.

O homem puxou Darrien até este ficar de pé e, com a ajuda de outro segurança, prendeu-lhe os braços atrás das costas. Owens levantou a lanterna e desferiu com ela um golpe na cabeça de Darrien.

— Fedelho, o que foi que fizeste à menina Shaw?

— Eu não...

Owens pregou-lhe um murro. Darrien sentiu o lábio abrir-se ao bater nos dentes e o sabor a sangue na boca.

— Lemos-lhe os direitos? — perguntou o adjunto do xerife na reserva, num tom inseguro.

— Que se lixe isso — disse Owens. Levantou outra vez a lanterna e desferiu outro golpe junto ao olho esquerdo de Darrien, que perdeu as forças nas pernas, mas os seguranças mantiveram-no de pé.

Owens fez incidir o foco da lanterna nos olhos de Darrien.

— O que foi que fizeste? Fala, fedelho!

Darrien fez um esforço para retomar a respiração e depois, num murmúrio rouquenho, disse:

— Quero um advogado.

PRIMEIRA PARTE

QUATRO
SEMANAS DEPOIS

CAPÍTULO 1

Eu dissera à minha constituinte para não trazer os filhos para o tribunal.

É claro que compreendia a situação dela. A minha mãe também era mãe solteira, mas Darla Lamar deveria estar sentada ao meu lado, de modo a formarmos uma frente unida enquanto eu apresentava ao juiz as suas queixas contra o inescrupuloso do seu senhorio. Em vez disso, ela estava sentada na última fila da sala de audiências do tribunal do condado de Williams, a debater-se com JimBob, de 4 anos, e a sua irmã mais nova, Lily.

— Dra. Bozarth — disse o juiz —, está preparada para fazer as alegações finais?

No momento que me levantei, consegui escutar um queixume estridente que vinha do fundo da sala. O juiz fitou-me por cima dos óculos.

Virei-me para trás e lancei a Darla um olhar de súplica. Ela tapou a boca de Lily com a mão.

Enquanto contornava a mesa para me dirigir ao juiz, fiz um esforço para transparecer confiança, como alguém que exerce advocacia há décadas.

Na verdade, eu exercia há uns curtos oito meses, desde que me licenciara na Ole Miss e passara no exame para a Ordem dos Advogados do Mississippi, e ainda não dominava bem a arte. Mas neste caso em concreto, sabia que tinha os factos e a lei a meu favor.

Pus-me muito direita e apertei os botões do casaco do meu fato, comprado na semana anterior na Goodwill³. O botão soltou-se e fiquei com ele na mão.

Merda.

Meti o botão no bolso, tentando dar a entender que não me ralava nada quando os meus botões se soltavam.

— Meritíssimo, com base nas provas, chegámos à conclusão de que o senhorio da minha constituinte violou a garantia implícita de habitabilidade. — Recolhi umas fotografias que estavam em cima da mesa. — A Prova n.º 1 da arguida demonstra que, apesar dos repetidos apelos da minha constituinte, Darla Lamar, o senhorio não exterminou, e recusou-se a exterminar, a praga no seu apartamento. Há uma infestação de baratas em todo o imóvel, bem como ratazanas. *Ratazanas*, Meritíssimo.

Pousei as fotografias à frente do juiz para ter a certeza de que este as analisaria uma segunda vez. Uma fotografia mostrava baratas a rastejar num armário de cozinha, a outra ilustrava uma ratazana a espreitar para um berço. Uma imagem realmente vale mais do que mil palavras.

— Tais condições podem ter um efeito adverso sobre a saúde dos seus filhos pequenos.

Quando aludi aos filhos da Darla, JimBob berrou: «Mamã!».

Fiz sinal com a cabeça para o juiz, como se aquela algazarra criada pelas crianças em tribunal fizesse parte do meu plano.

Pelo menos a Darla não trouxera o bebé. O juiz estava cada vez mais irascível.

Encarei-o com uma expressão que, esperava, parecesse inflexível, e tentei falar com voz firme.

— O caso é inquestionável, Meritíssimo. Por todos os motivos referidos, solicito um deferimento a favor da arguida, tanto

³ Organização americana sem fins lucrativos cuja missão é ajudar pessoas com dificuldades financeiras, nomeadamente através da venda de bens doados. [N. T.]

no que respeita à ação do queixoso por falta de pagamento da renda como à nossa reconvenção por danos sofridos.

Sorri, virei-lhe as costas e voltei para o meu lugar com um ar expectante, esperando o anúncio do nosso triunfo. Só podíamos ganhar; era um caso típico, saído diretamente da aula sobre senhorio/arrendatário na Ole Miss. Desde o momento em que a Darla Lamar entrara no meu gabinete com os seus três filhos e a história do seu calvário, com um punhado de fotografias de ratazanas na mão, a minha intuição dissera-me que seria uma vitória clara — dinheiro em caixa.

O juiz abriu o processo, levantou a esferográfica e decretou:
— O tribunal decide a favor do queixoso.

Fiquei boquiaberta. *Como era possível?*

Senti-me ruborizar de exasperação. *Como era possível perder este caso?*

Todo o esforço que aplicara na minha formação em direito tinha sido na convicção de que os meus instintos, de uma forma geral, estavam corretos. Tendo sido criada num meio pobre em pequenas vilas do Mississippi, aprendera desde tenra idade a adivinhar as reações das outras pessoas.

Quando os meus instintos falhavam, recorria aos punhos. Era lamentável não poder pregar um murro num juiz de condado.

A Darla Lamar estava junto a mim, a puxar-me pelo casaco em segunda mão. Afastei o braço com cuidado, receando que o tecido se rasgasse.

— O que quer ele dizer? — perguntou a Darla num murmúrio assustado.

— Darla, perdemos — respondi, em tom baixo. — O juiz decretou a favor do seu senhorio.

— O que vai ser de mim? E dos meus filhos? Disse-me que ganharíamos — lamentou-se a Darla, fazendo uma careta.

Oh, não, eu não lho dissera. O meu professor de prática em tribunal insistira nesse ponto: nunca garantir uma vitória. Fiz um esforço para a minha irritação não transparecer na voz.

— Darla, eu disse que a Lei estava do nosso lado e a verdade é que está. Além disso, podemos recorrer.

A Darla desatou a chorar. Puxou a enorme bolsa preta para a pôr ao ombro com tanta força que esta embateu no meu peito.

— Não percebo. Não há direito. — Virou-se para a saída. — JimBob, traz aqui a tua irmã! — Fulminando o juiz com o olhar, enxugou as lágrimas e disse: — Tenho de ir buscar o bebé e agora faltam-me dez dólares para pagar à ama. Não há direito.

Eu peguei no processo *Darla Lamar* e meti-o na minha pasta *Coach*. A Darla observou-me enquanto corri o fecho.

— Linda mala — disse ela. Estava a olhar para a pasta com rancor. — Deve ser bom poder comprar coisas assim bonitas.

— Foi-me oferecida — retorqui, o que era verdade. — Além disso, é uma pasta — acrescentei, como se lhe interessasse saber que uma mala fazia diferença.

Pelos vistos não. Virou-me as costas sem mais comentários, pegou nos filhos pelas mãos e levou-os para fora da sala de audiências. Senti-me agoniada ao vê-los afastarem-se. A Darla tinha razões para estar irritada com o julgamento, mas eu também estava bastante agastada. Aceitara o caso numa base de horários à condição, ou seja, só receberia se ganhasse o caso. Pelos vistos, teria de me ficar por uma refeição congelada para o jantar.

Outra vez.

— Ruby Bozarth?

Quando ouvi o meu nome, virei-me. A secretária da circunscrição estava à porta da sala de audiências.

— Sim? — disse eu.

— Ruby? O juiz Baylor solicita a sua presença no gabinete dele. — Que estranho. Eu não tinha assunto algum pendente no tribunal do juiz Baylor, que era o responsável pelos processos importantes: delitos graves, processos cíveis envolvendo somas avultadas. Olhei para a secretária, abanei a cabeça e disse:

— Eu? Tem a certeza?

A funcionária assentiu e indicou-me o vestíbulo.

— Está à sua espera. É sobre o seu processo de homicídio.

O quê? Eu não tinha um processo de homicídio.

Como poderia ter? Nunca tivera alguma coisa mais importante do que um caso de condução sob o efeito do álcool. E também o perdera.

CAPÍTULO 2

Eu não queria que o juiz visse as linhas soltas do meu fato, por isso puxei a aba do casaco para trás das costas e entrei no gabinete dele com a mão na anca, como uma modelo do Exército de Salvação na *passerelle*.

— Está aqui a Dra. Bozarth — disse a secretária.

— Ótimo! Excelente! Sente-se, doutora.

Havia dois cadeirões de couro virados para a sua colossal secretária de nogueira. Pousei a minha pasta reluzente ao lado do cadeirão que ficava mais perto da porta.

— Não, aí não. Sente-se aqui.

Indicou-me uma pequena cadeira de madeira à direita da sua secretária. Consegui ler nas entrelinhas. Eu não era suficientemente importante para me sentar num cadeirão requintado. Cerrei os dentes ao pegar na pasta.

Sentei-me na superfície dura da cadeira, alisei a saia e cruzei os pés com formalidade.

— Meritíssimo Juiz Baylor — comecei, mas ele interrompeu-me.

— Licenciou-se na faculdade de direito Ole Miss?

Assenti.

— Sim, Meritíssimo. Terminei o curso em maio passado. — Fiquei a pensar se deveria dizer-lhe a minha nota, porque era mesmo muito boa.

— Sabe que eu também me licenciéi na Ole Miss? Foi em 1976.

Esbocei um sorriso educado. O juiz estava bem conservado. A julgar pela sua aparência, com o cabelo grisalho e o corpo bem cuidado, até pensei que fosse mais novo.

Retribuiu-me o sorriso.

— Também fiz lá o bacharelato. Oxford é uma universidade fantástica. O *campus* é lindíssimo.

— Lindíssimo — repeti.

— Fui um *Sigma Nu*. E a doutora? Que república frequentou?

Haveria mesmo um processo de homicídio ou ter-me-ia chamado ali para desfiar as suas memórias?

Meu Deus, como me apetecia uma pastilha de *Nicorette*. A minha mão ansiava por ir à procura da embalagem que tinha dentro da pasta.

— Não frequentei república alguma — disse. — Não faz o meu estilo. Meritíssimo, a sua secretária disse...

O juiz recostou-se na cadeira e pousou os pés no tampo da secretária reluzente.

— Como acabou a exercer aqui, em Rosedale?

— Gosto de vilas pequenas — respondi, maquinalmente.

— Fui criada numa. — Em abono da verdade, um dos sítios onde vivera em criança fora aqui, em Rosedale, mas não me apetecia contar-lhe a história completa.

Também não lhe confidencieei que, quando concluí os estudos, tinha um bom emprego à minha espera num importante escritório de advogados em Jackson. Uma oferta generosa que se eclipsou quando rompi o noivado com o meu ex-noivo Lee Greene, cuja família tinha ótimos conhecimentos no Mississippi.

Ainda me comprazia ao lembrar o olhar de pasmo dele quando lhe atirei à cara o anel de diamante. Já a pasta *Coach* que me oferecera era outra história. Uma mulher tinha de ver o lado prático das coisas.

— Onde?

— Desculpe?

— Onde foi criada?

Estava a ser intrometido ou apenas simpático? Haveria alguma possibilidade de saber que eu passara por Rosedale? Mudei de posição na cadeira desconfortável.

— Em muitos sítios. Andámos por todo o Mississippi. Até passámos uns tempos do outro lado do rio, no Arkansas.

Fiquei em silêncio, mas tentei enviar-lhe uma mensagem por telepatia: *Não se atreva a perguntar como o meu pai ganhava a vida*. Porque a verdade era que não sabia. Eu era fruto de uma relação fortuita após um concerto. A minha mãe ficara pelo beicinho pelo meu pai biológico porque o achara parecido com o Garth Brooks. «É a ele que vais buscar os teus cabelos castanhos lustrosos», costumava dizer, beijando-me o cocuruto da cabeça.

— Pois bem, Dra. Bozarth, visto que está há pouco tempo cá na terra, é a pessoa indicada para tratar do caso Summers. Sentir-se-á mais à vontade a tratar da defesa, pois não tem qualquer relação com a vítima nem com a família dela. — Abanou a cabeça e revirou os cantos da boca para baixo numa expressão de puro pesar. — A Jewel Shaw foi uma *Kappa* na Ole Miss.

Até que enfim.

— Exatamente de que tipo de caso estamos a falar, Meritíssimo?

— Estado contra Darrien Summers. Ele foi acusado do homicídio da Jewel Shaw. Tudo aconteceu no clube de campo, se é que dá para acreditar.

Eu sentara-me tão na beira do meu assento de madeira que estava quase a cair ao chão.

— Mas, Meritíssimo, o que é que o caso poderá ter a ver comigo? — Ao ver o seu cenho franzido, apressei-me a acrescentar: — Meritíssimo, não é minha intenção parecer insolente, mas eu não represento o Sr. Summers.

— Ai, isso é que representa. — Tirou os pés de cima da secretária. — Eu nomeei-a hoje de manhã.

Fui percorrida por uma vaga de pânico e soltei uma gargalhada de ansiedade.

— Meritíssimo, não sou qualificada. Apenas defendi um caso perante um júri e foi uma pequena contravenção. Nunca tratei da defesa de um crime grave.

Enquanto eu pronunciava estas palavras, o juiz começou a sorrir.

— Espanta-me ouvi-la dizer isso. A minha secretária disse-me que anda desesperada à procura de processos.

Era verdade. Estava desesperada, mas não por processos como este.

— De processos de tutela. Eu disse à sua funcionária que pretendia processos de direito da família.

— Na verdade, a Grace disse-me que a doutora se queixara da injustiça que era eu ainda não a ter nomeado para um processo. Agora, estou a nomeá-la. — Esboçou um sorriso afetado.

Deveria ter adivinhado que aquela funcionária repetiria as minhas palavras temerárias. Mas há meses que procurava direito da família e ele nomeava sempre os mesmos dois advogados.

— Meritíssimo, se tiver um processo de direito da família, estou mais do que preparada para o assumir, mas um homicídio não. Não tenho qualquer experiência nessa área.

— Dra. Bozarth, se quiser ganhar experiência, terá de meter mãos à obra. — Proferiu estas palavras num tom benevolente.

Eu tinha o coração a bater com tanta força que mal conseguia respirar.

— Terei de recusar. Com o devido respeito. Com o devido respeito, recuso.

O semblante benévolo desapareceu.

— A doutora está inscrita na Ordem dos Advogados do Mississippi, e quando foi empossada, fez um juramento. — Lançou um processo na minha direção. — Espero que honre as suas obrigações de advogada com licença para exercer neste Estado.

Peguei no processo com a mão trémula. Abri a pasta e li na diagonal o registo do processo judicial.

— Meritíssimo, diz aqui que o Darrien Summers é representado por um defensor oficioso.

— Era. Já não é. O defensor oficioso desistiu do caso. Veja a entrada mais recente. A doutora é quem representa o réu. — O juiz virou-se para o telefone da secretária e carregou num botão. — Estou pronto para a reunião seguinte, Grace. Já terminámos aqui.

Era evidente que estava na hora de ir embora. Levantei-me, a minha pasta numa mão, o processo na outra. O juiz Baylor gesticulou para o processo.

— Pode ficar com essa cópia. Tem os dados mais atuais.

Conforme caminhava, trôpega, para a porta, lembrei-me de uma coisa e virei-me para trás.

— Desculpe, Meritíssimo, mas o que levou o defensor oficioso a desistir do caso?

— Ooooooh — suspirou. — Bem, o indiciado tentou agredilo da última vez que foram a julgamento. Tentou dar-lhe um murro. Dadas as circunstâncias, não seria de prever outra coisa por parte do advogado.

O Juiz Baylor piscou-me o olho.

— A doutora tenha cuidado. Ponha-se à coca.

CAPÍTULO 3

Um processo de homicídio. Eu tinha um processo de homicídio.

Saí do gabinete do juiz numa névoa. Encaminhei-me para a escadaria do tribunal. Tinha as mãos suadas quando me agarrei ao corrimão ao cimo das escadas.

Calma.

Tinha de me recompor. Pegar o touro pelos chifres.

Mesmo em frente ao gabinete do juiz Baylor havia uma porta com letras grossas e pretas: THOMAS LAFAYETTE, PROMOTOR PÚBLICO. Abandonei a escadaria e dirigi-me para essa porta. Porque se isto ia acontecer e eu ia mesmo representar um homem acusado de homicídio, precisava de saber do que era acusado pelo Estado. De cabeça bem erguida, entrei no gabinete do promotor.

— Preciso de falar com o Sr. Lafayette.

A rececionista olhou-me de soslaio enquanto clicava no rato do computador.

— Ele está muito ocupado esta semana. Se lhe enviar um e-mail, talvez ele possa conceder-lhe um minuto.

— Preciso de falar com ele hoje. Fui nomeada para representar o Darrien Summers.

A rececionista soergueu as sobrancelhas ao desviar os olhos do ecrã do computador. Pegou no telefone e premiu um botão.

— Tom, está aqui uma senhora que diz que representa o Darrien Summers.

A porta do gabinete interior abriu-se. Um homem na casa dos 40, de fato às riscas e uma covinha funda no queixo, encostou-se à ombreira da porta, mirando-me de alto a baixo.

— Ora bem, entre para ficarmos a conhecer-nos — disse, com uma gargalhada.

Lá dentro, sentei-me, muito direita, numa cadeira virada para a secretária dele, tentando adotar um ar profissional.

— Sr. Lafayette, chamo-me Ruby Bozarth.

— Trate-me por Tom. — Retirou um cartão de visita de um suporte de cobre e entregou-mo. Procurei nos bolsos um dos meus cartões para retribuir a cortesia, mas só encontrei o botão.

— Então, Ruby, abriu o escritório em frente ao tribunal, não foi? Na antiga loja Ben Franklin? Nem dá para acreditar que nunca nos cruzámos.

O Lafayette tinha um problema de dicção, um ligeiro acen-tuar da letra S, um sibilar quase indistinto.

— Não tenho muita experiência em processos criminais. — Era impressão minha, ou ele tinha os olhos muito afastados?

Pegou numa caneta de tinta permanente e rodopiou-a nos dedos.

— Nunca pensei que o Baylor conseguisse encontrar alguém suficientemente tonto para aceitar este caso. Tem noção de que irá a julgamento dentro de duas semanas?

Senti um nó no estômago. Tive um espasmo de náusea tão intenso, que receei vomitar-lhe a alcatifa.

Engoli em seco.

— Pedirei uma prorrogação.

Soltou outra gargalhada. Tive vontade de lhe pregar um murro no queixo com a covinha.

— Bem, acho que pode pedir uma prorrogação ao Baylor, mas isso não quer dizer que ele o consinta. O juiz não quer que este processo se arraste. O Summers não contestará e a comunidade exige justiça. — Pousou a caneta. — Quanto é que lhe pagam?

Abri a boca para falar, mas fechei-a com força, espantada ao perceber que não fazia ideia. Nem me ocorrera perguntar isso ao juiz.

— Da última vez que o defensor oficioso desistiu do caso — disse o Lafayette —, um advogado nomeado pelo Baylor quis cobrar uma fortuna pelo seu tempo, mas cortaram-lhe as pernas. É bom que saiba disso de antemão. Receberá apenas 80 dólares por hora pelo tempo passado em tribunal e 50 dólares por hora pelo tempo fora do tribunal.

Pestanejei. Aquilo pareceu-me uma fortuna. Era a custo que cobrava pequenas quantias a clientes que nem conseguiam pagar a conta da mercearia. Comecei a fazer contas de cabeça para tentar perceber quanto amealharia por um julgamento com júri.

Permitir-me-ia pagar a renda na Ben Franklin.

O Lafayette estendeu o braço até ao aparador por detrás da sua cadeira, pegou numa pasta de arquivo e atirou-a na minha direção por cima da secretária.

— Aí está o seu achado. É o que consta do nosso processo Darrien Summers.

Abri a pasta de arquivo e folheei as páginas, fazendo um esforço para manter a postura.

— Tom, quais considera serem as principais provas contra o meu constituinte?

— Está tudo aí, no relatório do xerife. Na noite do baile de máscaras, o Summers foi encontrado junto ao cadáver da Jewel Shaw numa cabana à beira da piscina do clube de campo de Williams. A vítima apresentava 13 ferimentos provocados por arma branca, infligidos por um instrumento que poderia ser uma faca de cozinha.

Quando se referiu aos ferimentos da falecida, enrolou as palavras na língua: *ferimentoss infligidoss por um insstrumento*.

— O que estava o meu constituinte a fazer no clube?

— O Summers estava a servir à mesa, era um empregado do clube.

Eu tinha o relatório do xerife na mão e estava a folhear o mais depressa que conseguia.

— Não vejo qualquer alusão à arma do crime. Onde está?

— Lamentável! Procuraram, mas nunca chegaram a encontrá-la.

Levantei os olhos do relatório e tentei perscrutar a reação do promotor.

— Não encontraram a arma do crime? O que foi que ele lhe fez, comeu-a? E não há testemunhas? As suas provas são circunstanciais. O meu constituinte parece um mero observador, alguém que estava no sítio errado no momento errado.

O Lafayette riu-se de mim. Já era a terceira vez.

— Continue a estudar esse processo, Ruby. Encontraram o telemóvel da Jewel Shaw no local e a última atividade foi uma mensagem de texto do réu a dizer-lhe para se encontrarem na cabana.

— Não percebo. Ela trocou mensagens com o empregado? Porquê, queria repetir a sobremesa? Isto é de todo arbitrário. Qual o motivo?

— Continue a folhear, doutora.

Foi o que fiz, folhear. Quando me deparei com fotocópias de *selfies* de uma mulher de cabelo louro e um homem alto e negro envolvidos em diversas posições de cariz sexual, quase deixei cair o dossiê.

— Oh, meu Deus.

— Pois é. Parece que a menina Shaw não tinha o hábito de apagar as fotografias.

O nome da defunta pareceu-me familiar, mas não percebi de onde o conhecia.

— Jewel Shaw — repeti.

O Lafayette assentiu.

— A vida da Jewel foi ceifada no seu auge. Nunca sabemos como ele se desfez da faca, mas não se desfez daquelas fotografias no telemóvel. E essas fotografias valerão ao seu constituinte a pena capital.

A pena capital. Senti outra vez a bÍlis subir-me pela garganta. Agarrei no dossiê e na minha pasta e desatei a correr para a casa de banho das mulheres.

CAPÍTULO 4

Eu nunca vira uma prisão por dentro.

O cheiro foi a primeira coisa que senti: uma infeliz conjugação de chulé e comida de cantina de escola. Enfiei a mão na minha pasta, tateei à procura de uma pastilha de *Nicorette* e mastiguei com força.

Quando o guarda prisional me conduziu até à zona de visitas aos reclusos, indicou-me um telefone na parede, ao lado de um vidro de segurança baixo.

— Falem através do telefone.

— Está bem — disse eu, e puxei uma cadeira desdobrável virada para o vidro. Quando o guarda prisional saiu, a porta automática bateu com força nas suas costas, trancando-me lá dentro. Estremeci.

Enquanto esperei que o Darrien Summers aparecesse do outro lado do cubículo, tirei da pasta o meu bloco de notas, abri-o numa página em branco e tamborilei com a esferográfica no papel, num ritmo ansioso. Comecei a perguntar-me se a pastilha elástica me daria um ar imaturo.

Ele não sabia que eu estava a tentar largar o vício dos *Marlboro* que me acompanhava desde a secundária, quando costumava surripiar cigarros da bolsa da minha mãe. Tivera de abandonar o hábito durante a faculdade, porque não conseguia sustentá-lo. Graças ao meu ex-noivo, retomara o hábito na faculdade. Vá-se saber como, a sua confiança desmedida fez com que o vício me parecesse requintado. Foram os maus velhos tempos.

Mas eu deixara-me do tabaco e também do meu falso cavaleiro andante do Sul, o Lee Greene. As pastilhas *Nicorette* eram uma panacea prática, mas o meu constituinte poderia pensar que eu estava a mascar um pedaço de pastilha elástica. Rasguei uma tira de papel do bloco de notas e cuspi para lá a pastilha no preciso instante em que ele franqueou a porta do outro lado do vidro.

As *selfies* indistintas que eu vira do Darrien Summers não lhe faziam justiça. Tinha um bom metro e oitenta e, ao lado dele, o guarda prisional que o conduzira parecia um anão. Os seus bíceps e braços musculosos pareciam os de um super-herói das revistas aos quadrinhos. Tinha o cabelo cortado à escovinha, realçando-lhe as maçãs do rosto esculpidas e o sólido maxilar. Envergava o uniforme cor de laranja do estabelecimento prisional e tinha as mãos algemadas atrás das costas.

Acenei-lhe por detrás do vidro. Assim que o guarda prisional lhe tirou as algemas e foi embora, peguei no telefone.

O Darrien Summers olhou para mim, incrédulo. Aponte para o telefone na minha mão.

— Pegue no telefone.

Abanando a cabeça, deixou-se cair na cadeira. Muito devagar, levantou o telefone do seu lado do vidro e encostou-o ao ouvido.

— Quem é a senhora?

— Sr. Summers — disse eu, sorridente —, chamo-me Ruby Bozarth. Podemos tratar-nos por tu, Darrien?

— O que queres?

— O juiz Baylor nomeou-me para te representar neste processo-crime.

— Que grande merda.

Através do vidro, consegui ver os seus olhos perscrutarem o meu cabelo comprido, a minha cara, o fato puído. Ao fim de um longo silêncio, voltou a falar.

— Quantos anos tens?

Parei de sorrir. Era uma pergunta justa, e não valia a pena tentar esquivar-me a ela.

— Vinte e seis. — Como se isso pudesse aumentar a minha credibilidade, apressei-me a acrescentar: — Faço 27 dentro de dois meses.

O Summers largou o telefone, que emitiu um gemido metálico ao embater no balcão. O barulho fez-me doer o ouvido e retraí-me.

O meu constituinte inclinou a cabeça para trás e focou os olhos no teto. Depois, fechou-os e expirou profundamente.

Agarrada ao telefone, chamei em voz alta.

— Darrien? Sr. Summers? Pega no telefone, por favor.

Ele ignorou-me. Virou-se para o lado e ficou a olhar para a parede de tijolos de betão.

Gritei para o auscultador.

— Temos de falar. Vais a julgamento dentro de duas semanas. Duas semanas!

O Summers pôs-se de pé. Virou-me costas, deu um passo para a porta trancada do seu cubículo e bateu.

Afogueada, bati no vidro de segurança.

— Darrien, preciso da tua ajuda. Tens de me ajudar na tua defesa. — O telefone estava molhado das minhas mãos transpiradas.

O Darrien começou a bater à porta com o punho fechado. Não precisei do telefone para conseguir ouvir o que ele estava a dizer do outro lado do vidro.

— Sair! Quero sair daqui!

A porta do seu lado do cubículo abriu-se de repente e o guarda prisional de baixa estatura apareceu com uma expressão de espanto.

— Mas que raios?

— Não tenho nada a tratar aqui. Quero voltar para a minha cela.

Enquanto o guarda prisional o algemava, tentei outra vez.

— Tu precisas de mim. Volta! Fala comigo. — Envergonhei-me do meu tom lamurioso. Bati no vidro. — Sou a tua única hipótese.

O Darrien Summers abandonou a sala de entrevistas sem olhar para trás. Quando a porta se fechou, bati com o telefone no descanso. Para ninguém, anunciei:

— Desisto.

CAPÍTULO 5

A minha mãe não criou uma desistente.

Na manhã seguinte repeti o pensamento como um mantra desde que me levantei do sofá-cama do meu escritório e tomei um duche até escovar os dentes. Vesti umas calças de ganga e uma camisola larga. Iria regressar ao estabelecimento prisional para outra tentativa com o Darrien Summers e achei que mais valia ir confortável. Na tarde anterior, o meu fato formal não causara boa impressão no meu constituinte.

Não desistirei, não desistirei, não desistirei.

Estivesse o Sol a brilhar e teria seguido direto para o estabelecimento prisional, mas estava um tempo pardacento, enevoadado e ventoso. Uma caneca de café dar-me-ia algum ânimo e, nessa manhã, ainda não bebera uma gota. A lata de *Maxwell House* no meu escritório estava vazia.

Havia um restaurante na zona sul da praça ao virar da esquina do meu escritório. Caminhando a passo acelerado pelo passeio, sondei o exterior, para confirmar se estava aberto ao público.

Um sinal de néon cintilava em toda a sua glória *vintage*, ilustrando os contornos de uma frigideira com ovos e bacon em tons de amarelo e rosa-choque. Por cima da frigideira cintilante, a palavra *SHORTY'S*, soletrada por lâmpadas brancas bruxuleantes.

A minha chegada foi anunciada pelo tilintar de uma campainha de cobre por cima da porta. Desde que me mudara, só

fora ao restaurante *Shorty's* algumas vezes. Na arrecadação nas traseiras do meu escritório tinha um forno micro-ondas, um fogão portátil e um frigorífico antigo; como tinha de contar os trocos, serviam para desenrascar.

Sondei os sofás, forrados a vinil cor de laranja claro, mas como estava sozinha, deslizei até ao balcão e sentei-me num banco de bar antiquado.

Rodei no banco como um menino da escola, olhando à minha volta. Uma empregada servia o pequeno-almoço a um homem no outro extremo do balcão: folhados de salsicha. As panquecas libertavam vapor.

Oh, meu Deus, tende piedade.

Um homem com um avental branco acercou-se de mim com uma caneca e uma cafeteira.

— Deseja café?

— Sim, se faz favor.

Enquanto me servia o café, olhei para o seu avental. Junto ao coração, bordado com linha preta, dizia *SHORTY*⁴. Seria capaz de jurar que o homem media um metro e noventa, por isso, soltei uma risadinha.

O homem apontou-me um dedo acusador.

— A senhora está a rir de quê?

— Peço desculpa, foi um riso involuntário. É o seu avental.

— Está limpo. — Sacudiu a parte da frente com a mão e olhou para baixo. — O que tem de mal?

— Diz *Shorty*.

Ele empertigou-se. Sim, à vontade, um metro e noventa. Estendeu-me uma mão e disse:

— Sim, minha senhora, pois diz. *Shorty Morgan*, muito prazer em conhecê-la.

Apertei-lhe a mão. Ele apertou a minha da maneira certa: um aperto amistoso, não demasiado forte.

⁴ «Shorty» em inglês significa «baixote». [N. T.]

— Sou a Ruby. Ruby Bozarth.

— A Ruby da Ben Franklin!

— Sim, a própria.

— Bem, nesse caso, o prazer é ainda maior. Aquela velha loja de bugigangas esteve vaga tempo demais. Só de olhar ficava deprimido. Toda a gente ficou feliz por voltar a ver lá luzes acesas.

Concordei com a cabeça e olhei de soslaio para o pequeno-almoço do homem ao fundo.

— Ruby, está a comer com os olhos as panquecas e os folhados de salsicha do Jeb. Vai desejar o mesmo?

Consultei os preços na ementa.

— Vou querer a dose mais pequena, por favor. Com manteiga e melão.

O Shorty tomou nota do pedido num bloco e desapareceu na cozinha. Eu sorvi o café e pensei qual seria a melhor forma de abordagem ao Darrien Summers.

O Shorty regressou num abrir e fechar de olhos com um prato de panquecas a fumar. Havia uma revista em cima do balcão ao meu lado; um exemplar da *Foreign Affairs*. Ele afastou-a para arranjar espaço para o jarro de melão.

Enquanto deitei o melão por cima das panquecas, ele assinalou uma página da revista com um guardanapo de papel e pousou-a ao lado da bancada das cafeteiras.

— Está a ler uma coisa levezinha hoje? — disse eu. As panquecas estavam a deixar-me sociável.

O Shorty sorriu.

— Apenas gosto de estar a par do que se passa no mundo.

Eu estava com curiosidade sobre a sua escolha de leitura, mas o outro cliente ao balcão interrompeu-nos.

— Shorty! Hoje o café está fraco!

— Cala a boca, Jeb. — Pegou na cafeteira e voltou a encher a caneca do homem.

— Olha para isto. Parece uma chávena de chá fraco.

O Jeb rodopiou no banco e chamou um homem de cabelo escuro que estava sentado sozinho num dos sofás cor de laranja.

— Ei, Troy? E hoje, o que achas do café?

O comensal solitário levantou a cabeça do jornal que estava a ler. Aparentava ser mais velho do que eu, talvez na casa dos 30. Tinha uma marca de nascença que lhe cobria um lado da cara.

— Eu não pedi café — retorquiu o homem do jornal.

Falou num tom tão glacial, que seria capaz de jurar que baixou a temperatura do restaurante uns bons dez graus.

O Jeb voltou-se para mim.

— Que tal o teu, querida?

Eu sorvi o café e disse:

— Eu acho que está bom. — Era verdade. Eu não apreciava aqueles cafés da moda onde os baristas nos servem batidos de cafeína numa só chávena.

O Shorty pousou a cafeteira na base e sorriu para mim.

— Ouviste bem? — disse, para o Jeb. — Uma cliente satisfeita. E é advogada, por isso sabe do que está a falar.

Sentindo-me um pouco constrangida, atirei-me às panquecas. Quando estava a ensopar no melaço o último pedaço de panqueca, o Shorty voltou a encher a minha chávena com café e perguntou:

— Como está a correr o caso do homicídio?

Quase deixei cair o garfo.

— Como sabe disso?

— Que espanto é esse? O pessoal do tribunal almoça e janta aqui. Ontem, a menina foi o principal tema de conversa.

— Oh, meu Deus — disse eu, entre dentes.

— Ei, a menina agora é famosa. Então, como é que está a correr?

— Sem comentários. Confidencialidade advogada-cliente. — Pisquei-lhe o olho. Porque ele era mesmo muito giro. Peguei na carteira e tirei de lá algumas notas para pagar a conta.

— Hoje vai à cadeia? — indagou o Shorty enquanto metia o dinheiro na caixa registadora.

Anuí. O meu parceiro de balcão, o Jeb, abanou a cabeça.

— Espero que lhe corra melhor do que ontem.

Oh, meu Deus. Rosedale era um antro de linguareiros. Até o homem da marca de nascença estava de olho em mim; a sua atenção deixou-me pouco à vontade. Não abri a boca, mas é provável que o meu semblante me traísse porque, enquanto me afastava, o Shorty disse:

— Venha cá almoçar. Aposto que pelo meio-dia estará com uma atitude completamente diferente.

— Acha? — disse eu, por cima do ombro.

— Pressinto-o. E o meu instinto raramente me engana.

Soltei uma gargalhada. Aquilo parecia uma coisa que eu teria dito antes de ser enganada pelos meus próprios instintos tresmalhados. Quando a campainha da porta tilintou por cima da minha cabeça, o Shorty acrescentou:

— O almoço é por conta da casa, Ruby. A menina atrai clientela. Até à hora do almoço.

— Até à hora do almoço — ecoou o Jeb.

Olhei por cima do ombro para retorquir. O homem da marca de nascença estava a sorrir, mas não de uma maneira amistosa.

QUANDO PENSAMOS PODER CONFIAR NA JUSTIÇA...

Ruby Bozarth é uma jovem advogada que acaba de abrir o seu escritório em Rosedale, no Mississippi. Quando Darrien Summers, um rapaz negro, é encontrado junto ao cadáver de Jewel Shaw, filha única do fundador de um famoso clube de campo, tanto a comunidade branca como o juiz Baylor contam com a inexperiência de Ruby para um rápido veredito de condenação. Ruby, no entanto, não está disposta a perder o seu primeiro grande caso mediático, e tudo fará para defender o seu cliente.

A juntar-se a este caso, Lee Greene, ex-noivo de Ruby e pertencente a uma das mais influentes famílias do Mississippi, pede-lhe que o defenda da acusação de homicídio de uma jovem negra. Lee alega nada recordar da noite do crime e declara-se inocente. Apesar de todas as provas apontarem para uma condenação, Ruby está convicta da inocência de Lee. Só que à medida que as investigações prosseguem, Ruby percebe que não poderá confiar em ninguém. Nem mesmo no painel de jurados.

... É QUANDO ELA SE REVELA O NOSSO PIOR INIMIGO.

Conheça outros livros de James Patterson,
o autor n.º 1 em todo o mundo:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8917-98-0



9 789898 917980

Policial